Editor: Carlos Marcelo
pensar.df@diariosassociados.com.br
Tel. 3214-1178 • Fax 3214-1194

A pátria do poeta

Em entrevista, o professor e crítico literário Alexandre Pilati detalha seu estudo sobre a relação da obra poética de Drummond com a realidade nacional

» CARLOS MARCELO

Kleber Lima/CB/D.A Press - 4/1/06

"Precisamos, precisamos esquecer o Brasil!", vaticina Carlos Drummond de Andrade no poema "Hino nacional", que termina com a constatação-provocação: "Nenhum Brasil existe. E acaso existirão os brasileiros?". Professor de literatura, poeta e crítico literário, o brasiliense ***Alexandre Pilati*** *não só ignorou a certeza de Drummond como decidiu investigar a presença do país na obra do autor mineiro. O resultado de seu estudo pode ser conferido no livro* A nação drummondiana, *recém-lançado pela 7Letras, adaptação de tese de doutoramento defendida na UnB em 2007. Na apresentação, o professor Hermenegildo Bastos decreta: "Alexandre acompanha e analisa o paradoxo, ou o oximoro, que é existir um poeta nacional sem nação efetivamente constituída. O poeta e o seu crítico nos convencem da atualidade e da força do impasse". Em entrevista ao* **Correio**, *Pilati explica o seu trabalho e defende a poética de Drummond como "uma construção sem igual em nossa poesia, no sentido da exploração da experiência nacional brasileira".*

Por que a poética de Drummond é imbatível na representação da experiência nacional brasileira?

A poesia de Drummond problematiza um aspecto decisivo de nossa experiência nacional, que se poderia traduzir na palavra aporia. No Brasil, ao que parece, o magma social é atravessado por um conteúdo de irresoluto, que fornece um anteparo negativo às idéias de construção e formação. Vivemos dia a dia a utopia e o seu desmentir. Isso é Drummond: as coisas não se concluem, permanecem pairando numa estranha existência fantasmática, como podemos ver no poema "Onde há pouco falávamos". Drummond capta o impasse histórico em seus versos e o traduz numa dor íntima que inunda o lirismo com um gosto amargo que, dificilmente, faz o leitor, em especial o brasileiro, permanecer impassível.

Como as convicções políticas influenciaram a produção poética do escritor?

Drummond sempre teve convicções poéticas mais fortes que as políticas e é isso que faz dele um grande poeta. A leitura política de sua obra, entretanto, não se invalida por isso, se pensarmos política não sob o aspecto do partidarismo, mas como, para lembrar Jaques Rancière, um conjunto de procedimentos ligados à "partilha do sensível". Sob esse aspecto, é impossível negar que a obra de Drummond exibe uma grande consciência histórica e política de seu tempo. O intrigante é que essa consciência política (consciência, mais do que convicção; uma vez que esta muitas vezes pode toldar aquela) só se realiza plenamente forma da poesia de Drummond. Para além do poeta, é a sua poesia que é política.

O desvio do engajamento corresponde necessariamente à redução da interpretação crítica do poeta em relação ao país?

Como dizia Mário de Andrade, a poesia de Drummond é feita de "coisas que se contrariam com ferocidade". Dada essa ferocidade das contradições, é impossível ler o poeta sob um prisma que as elida. Assim, o engajamento em Drummond está de braços dados com a ilusão, a ironia e o tédio. Por outro lado, a guinada hermética que Drummond realiza a partir dos anos 50 não pode ser lida como abandono do engajamento, especialmente no que ele tem de observação crítica da realidade histórica. O engajamento apenas aparece com uma radical potência quase invisível, entranhada nos liames do hermetismo.

Por que o país apresentado por Drummond é o das classes sociais, "mais do que a pátria pitoresca e mítica da cor local", como você observa à página 23 do livro?

Digo isso a propósito do que identifico como uma perspectiva realista na obra de Drummond. Pensando na História como conjunto de forças advindo das tensões entre as classes sociais, afirmo que Drummond nos apresenta um país íntimo, de dentro da voz mais particular, mas sempre eivada das tensões da história brasileira. Seu Brasil, portanto, não é o particularista e pitoresco que vimos no primeiro Modernismo; o país de Drummond é o universal, sem deixar de ser brasileiro. Isso lembra o Machado de Assis do "Instinto de Nacionalidade". Ora, esse universal, entre outras coisas, pode ser lido como o do horizonte da luta de classes. Como entender integralmente, sem essa categoria da crítica materialista, os versos de "A flor e a náusea": "Preso à minha classe e a algumas roupas/ vou de branco pela rua cinzenta/ Melancolias, mercadorias espreitam-me..."?

Como o estudo de Georg Lukács (1885-1971) pôde iluminar a compreensão da obra de Drummond?

Lukács é, de fato, um filósofo admirável. O trabalho acerca do realismo, a discussão dos gêneros literários, a historicidade da forma estética, a "ontologia do ser social", tudo isso acaba aparecendo um pouco em meu trabalho sobre Drummond. Como diz Nicolas Tertulian, o pensamento de Lukács é uma "recusa lúcida de todo sentimento de infalibilidade e de toda certeza de tipo dogmático ou escolástico". Veja como é curioso: poderíamos usar essas palavras para qualificar a obra de Drummond, pois ela é de recusa e não de afirmação — lembremos de "A máquina do mundo". Nada como um filósofo da recusa, interessado nas relações tensas entre objetividade, subjetividade e lógica histórica para ajudar a ler essa poesia que materializa impasses individuais e coletivos e suas interpenetrações.

Antonio Callado dizia que Drummond era o poeta "que dá toda a inquietação do Brasil, toda a inspiração do país: Drummond reflete as mil facetas de um país complexo". Você concorda com Callado? De que forma ocorre essa reflexão?

A forma como Callado vê a literatura é densa, apaixonada e nunca óbvia. Drummond visto por ele foi um dos estímulos dessa pesquisa que agora se transforma em livro. Esse "refletir as mil facetas de um país complexo" integra Drummond a uma tradição de intérpretes do Brasil no século 20, que vai de Mário de Andrade a Caio Prado Jr., de Gilberto Freyre a Florestan Fernandes, de Sérgio Buarque a Antonio Candido. Em Drummond, essas faces estão eivadas de obliquidade, padrão a partir do qual a persona lírica enxerga a si mesmo e a todo o mais. É o peso dessa nação drummondiana que o poeta carrega nos ombros. Todavia, o peso dessa complexidade não é privilégio do poeta ou do intelectual carregar, também o carregam o leiteiro de "Morte do leiteiro", o operário de "Operário no mar", o cismado Tutu Caramujo de "Itabira" e José, com seu dilacerado "e agora?". São muitas facetas em uma só: a do poeta torto, gauche.

Viveiros de Castro Editora/Reprodução

A nação drummondiana
Quatro estudos sobre a presença do Brasil na poesia de Carlos Drummond de Andrade. De Alexandre Pilati. 7 Letras, 194 páginas. R$ 36.

"O Brasil está dormindo, coitado. Precisamos colonizar o Brasil". O que representa esse e outros versos de Hino Nacional? Como eles refletem a visão de Drummond da realidade de seu país?

A análise de "Hino nacional" acabou ficando fora do livro, guardada para uma outra oportunidade, quando pretendo interpretá-lo em conjunto com outros poemas de outros autores que falam da "pátria". Esse poema pode ser considerado um excelente exemplo de como Drummond supera o primeiro Modernismo, utilizando as ferramentas poéticas que esse movimento conquistou. Os versos que você cita são apresentados no poema em tom irônico e devem ser lidos em contraposição àqueles que representam a voz do poeta e que terminam o poema: "Nenhum Brasil existe. E acaso existirão os brasileiros?". Sob esse prisma, entendo que essas enunciações estão em "Hino Nacional" para apresentar a densidade do impasse brasileiro. O jogo do poema, como no país, desloca sempre a realização da nacionalidade para o futuro, perpetuando os erros do passado e criando um amálgama que só pode ser entendido no grave contexto das contradições.

Em entrevista a Geneton Moraes Neto, Drummond afirmou que não tinha versos realmente populares, como Gonçalves Dias e Olavo Bilac. E se queixava da polêmica em relação ao poema "No meio do caminho tinha uma pedra". Acredita que ele subvalorizava a própria obra? E, vista em perspectiva já do século 21, o que representou a obra de Drummond para o Brasil do século 20?

Posso arriscar afirmar que Drummond tinha uma grande consciência da sua posição como escritor no sistema literário brasileiro. Pelo menos sua obra exibe essa consciência. Se assim for, ele sabia que era o grande poeta público sem público, diferente, pois, de Gonçalves Dias e de Bilac. Por isso, não acredito que haja subvalorização, mas alta consciência do momento que a poesia brasileira vivia, que era, após a década de 20, caracterizado pela restrição do seu ambiente e de sua importância social. Os avanços e recuos, as tensões, as procuras e as recusas presentes em sua obra, tendo em vista que ela é central em nossa literatura do século 20, ajudam a ver o caminhar da literatura brasileira e do país. Dada a longevidade da produção, vemos a viagem da poesia do Modernismo gracioso, passando pelo empenho dos anos 40, o violento hermetismo da geração de 45, até o silêncio e à lógica voraz da mercadoria nos anos 60/70, quando Drummond, cansado, parece querer calar-se.

A nação descrita por Drummond só existe nas páginas de seus livros?

Acredito que não. O lugar da nação drummondiana não é o de um "brejo histórico"? Alguém arriscaria dizer que já saímos dele? Se pensarmos numa nação como uma comunidade imaginada, como diria Benedict Anderson, boa parte de sua existência se deve a esforços tais como os dos poetas, que buscam adentrar os nervos do país e expor a dores dessa experiência. A nação, uma ideia que guia a nossa inteligibilidade do real, é drummondiana também no sentido de que o poeta ajudou a construí-la. Já são ditos familiares de todos: "Tinha uma pedra no meio do caminho" ou "e agora, José?". Tudo muito brasileiro. A diferença, em relação ao século passado, talvez seja a de que hoje, numa outra etapa histórica, as contradições que foram a matéria da obra de Drummond estejam menos disponíveis à captação pelo pensamento crítico e pela literatura em geral, ou pela poesia em particular. O que faz da leitura da obra do itabirano uma oportunidade de constante reatualização do olhar sobre o Brasil.

> **Drummond nos apresenta um país íntimo, de dentro da voz mais particular, mas sempre eivada das tensões da história brasileira. Seu Brasil, portanto, não é o particularista e pitoresco que vimos no primeiro Modernismo; o país de Drummond é o universal, sem deixar de ser brasileiro"**
>
> ***Alexandre Pilati, professor e crítico literário***

"A DOR FAZ O POETA — A DOR PLENAMENTE SENTIDA, POR NADA EVITADA, RECONHECIDA, PERCEBIDA, CONSERVADA.""
ELIAS CANETTI (1905-1994), ESCRITOR BÚLGARO

LITERATURA&OUTRAS LEITURAS ● SÉRGIO DE SÁ // SERGIO.SA@TERRA.COM.BR

Com palavra

Igo Estrela/CB/D.A Press

No *Dicionário amoroso da língua portuguesa*, o vocábulo apaixonado é premissa. São, como diz a capa do volume organizado por Marcelo Moutinho e Jorge Reis-Sá para a editora Casa da Palavra, "35 palavras, 35 autores, 4 continentes, 1 só idioma", para celebrar a diversidade. Escritores brasileiros, portugueses, angolanos, moçambicanos e timorenses se deliciam sobre a palavra de preferência.

Na parte brasileira, em que os cariocas são maioria (o que dá um certo cansaço dessas centralizações), Paulo Henriques Britto poetiza o "peteleco". Armando Freitas Filho, a "morte". Tatiana Salem Levy vai ao "deserto". Adriana Lisboa (**foto**) tenta chegar à "guerrilha". Marcelino Freire se debruça sobre a palavra "palavra". Além de poesia, contos, como faz Raimundo Carrero com "sombra", e ensaios, como faz Antonio Cícero com "moderno".

Como brinde, o leitor ganha as palavras em pequenos imãs, escritas em branco sobre roxo. Pode postá-las na geladeira, como quem, na verdade, tira as expressões do freezer da língua e come-as com o olhar, com vontade. Em um dos pequenos retângulos, um ponto de interrogação sugere que se pense na 36ª palavra, aquela que o leitor gostaria de reescrever. Qual?

Ave, palavra. Cada vez mais sem valor (nem o que está escrito vale), cada vez mais remexida (veja o internetês), cada vez mais curta e rápida (para caber no mundo-Twitter). Palavra de homem? Palavra de honra? O poder na palavra pop. Palavra jogada fora quando conversa. Cada vez menos a palavra própria. Ou a própria palavra no que ela significa.

Feito com apoio financeiro do Ministério da Cultura português, o livro tem capa dura e corpo malemolente (taí uma palavra interessante). O livro, lugar de prolongar a vida da palavra. Nesse caso, tirando-a do dicionário exclusivo da denotação. Esses longos e inapropriados verbetes remodelam os sentidos e nos intimam a ver ao pé da letra as extensões da verdade. Os escritores dão suas palavras.

Sem palavra

Desmarcada, adiada, transportada para outro lugar, a Feira do Livro vai, não vai, enrola, não desenrola. É apenas uma parte do problema maior da política cultural nesta cidade, que segue aos trancos e barrancos, sem definição de rumo, fazendo tudo na base do improviso. Quem se lembrar de algo ocorrido nos últimos anos por conta do governo local, algo que deixará marcas na história da cultura brasiliense, dê um grito, por favor. Falar em falta de verba — ou no atraso na entrega do cheque — é conversa para boi dormir. Para patrocinar famigerado trio elétrico baiano, há. Para comemorar aniversário com artistas de fora bancados a preço de ouro, logo aparece a fonte.

Em relação à feira, a lengalenga repete-se todos os anos. A brincadeira com prazos e promessas cansa. É uma vergonha a capital da República não conseguir organizar, sem atropelos, um encontro em torno do livro e da leitura. O dinheiro oficial não sai a não ser em cima do laço (até a tarde da última quinta-feira, não se sabia nem a data nem o local nem quanto seria repassado).

Patinando na organização de um evento que seja de fato relevante, a Câmara do Livro do Distrito Federal anuncia publicamente o que ainda não está certo (em menos de duas semanas, remarcou e adiou). O governo precisa decidir, com coragem, se deve ou não se meter na sustentabilidade da feira — o que levaria ao fim da festa (derramando poucas lágrimas, podem estar certos) ou obrigaria a uma independência do dindim público.

Agora, fazer feira de livro por fazer também não resolve. Já escrevi aqui em mais de uma ocasião que juntar os livreiros da cidade no mesmo lugar, satisfazer o ego dos muitos membros de academias literárias locais, abrir espaço para a picaretagem de brochura colorida vendida a R$ 1 como se fosse livro infantil, tudo isso também não serve pra nada. Uma feira do livro precisa ter conceito. Do contrário, é apenas entreposto comercial.

Esses problemas são sintomáticos de uma sociedade desinteressada, que precisa urgentemente decidir se a cultura, nas suas modalidades artísticas, é algo importante para a vida em comunidade ou ela se prefere se contentar com uma nova riqueza econômica: de bolas, shoppings, bares, automóveis e nada mais.

Adeus às ilusões

Com argúcia e sofisticação, Richard Ford traça a história de um homem cinquentão numa fase da vida em que as ambições foram embora para sempre

» RAFIZA VARÃO
ESPECIAL PARA O **CORREIO**

O historiador norte-americano Daniel Boorstin dizia que ansiamos demais do mundo, com esperanças extravagantes e exageradas. "Esperamos tudo e qualquer coisa. Esperamos coisas contraditórias e impossíveis: carros ao mesmo tempo compactos e espaçosos; carros de luxo econômicos. Esperamos ser ricos na caridade, poderosos na misericórdia, ativos na reflexão, bons na competição. Desejamos ser exaltados por medíocres chamados à 'excelência' e nos tornarmos cultos graças à cultura promovida por analfabetos. Desejamos ao mesmo tempo comer e permanecer esbeltos, viajar sem parar e cultivar nossas relações de boa vizinhança, frequentar uma 'igreja de nossa escolha' e experimentar a direção espiritual que ela nos imprime, idolatrar Deus e ser Deus", é o que ele escreve na introdução de sua obra mais famosa: *A imagem*. Mas será que um dia essas esperanças exageradas se encontram com a maturidade e cessam lentamente de existir?

Em *O sal da terra*, Richard Ford desfia um imaginário cheio da ausência de acontecimentos extraordinários, trazendo a personagem Frank Bascombe numa espécie de refúgio em relação à avalanche de "esperanças" que assaltam a classe média americana, e que ele chama de "período permanente". Uma época em que não se ambiciona mais nada, todas as máscaras já caíram (ou são perfeitamente transparentes), e pode-se sentir satisfeito, num nível confortável, com o que se é.

Último volume da trilogia sobre Bascombe – os primeiros foram *O cronista esportivo* (1986), já comprado pela Record, mas sem previsão para lançamento, e *Independência* (1995), que deu a Ford o Pulitzer e o PEN/Faulkner no mesmo ano — o livro mostra o corretor de imóveis aos 55 anos, às vésperas das eleições que deram vitória a George W. Bush e em meio aos preparativos para o feriado de Ação de Graças, na virada do milênio.

O sal da terra
De Richard Ford. Tradução de Maria Beatriz de Medina. Record, 585 páginas. R$ 69,90.

Sem retorno

Morando em Sea-Clift, uma típica cidadezinha à beira-mar em Nova Jersey, Bascombe ainda remói acontecimentos passados, como ter sido abandonado pela esposa para que esta pudesse recomeçar a vida com o ex-marido que se acreditava morto, ou a morte do filho Ralph, de apenas nove anos. Mas o presente povoa seus pensamentos de maneira mais insistente, pois Bascombe finalmente percebe que não dá mais para voltar ao passado e arrumar uma ou outra coisa. É o presente que atravessa sua narrativa, apesar dos flashbacks constantes que, no fundo, dão conta de uma visualização ampliada do "período permanente", que, antes de ser uma consequência do câncer na próstata de Bascombe e das balas de titânio que carrega para curá-lo, é quase um coroamento do momento de enfermidade pelo qual o corretor de imóveis, especialista na alma americana, passa. Frank Bascombe, democrata conservador, não espera mais nada da vida.

É sobre esse argumento que *O sal da terra* se ergue. É como se Frank, aos 55 anos, tivesse sido operado de uma catarata de nascença. Há poucos rompantes, poucas lamentações, ínfimas explicações, muita resignação e uma postura quase sempre "e daí?". A certa altura do romance, por exemplo, a esposa Sally escreve a Bascombe congratulando-os, por, pelo menos, não terem câncer. Quem, americano ou brasileiro, não se sentirá abençoado com o fato de que, mesmo com o avançar da idade, continue imune ao câncer? E se estivesse doente, quem hesitaria em contar à ex-mulher que o deixou para trás? Mas Frank Bascombe está enfermo e pensa apenas que é melhor que Sally não saiba.

Fotos: Editora Record/Divulgação

Ford: desfecho da trilogia protagonizada pelo personagem Frank Bascombe

Bascombe é feliz em sua tristeza e sua voz, que Richard Ford diz ter finalmente calado com *O sal da terra*, revela as nuances do homem comum, mediano, ainda que bem-sucedido. Saudado como o mais novo grande cronista da América, Ford é exatamente isso: um observador arguto do cotidiano, das pequenas mesmices que escondem acontecimentos prontos a irromper fora do previsível – mas que uma vez ocorridos, logo serão só parte de um passado turvo. Ancorado no trivial, o autor se amarra, sem conotações negativas, numa literatura em que a própria narrativa é evidenciada e na qual a sofisticação emana da simplicidade. Só isso, já valeria a leitura.

» Rafiza Varão, mestre em comunicação, é professora na Universidade Católica de Brasília e na Faculdade de Ciências Sociais e Tecnológicas